

“AQUELA MORTE EM VENEZA”*

ALEXANDRE EULALIO
(UNICAMP)

A notícia da morte de Stravinski espalhou-se pela cidade de tardinha. Com ela, a determinação testamentária: morto nos Estados Unidos, o compositor desejava ser enterrado em Veneza, próximo ao túmulo de seu amigo e principal animador, Serguêi Diaguilev. O qual ali jazia, desde 1929, entre as árvores que ensombram o recinto reservado no campo santo aos russos ortodoxos.

A ilha de San Michiel, fronteira a Murano, foi transformada em cemitério municipal na segunda metade do século 19. Para quem a olha desde as Fondamenta Nuove, junto ao embarcadouro das lanchas que servem Murano, Burano e Torcello, o antigo convento dos camaldolenses fica no extremo da ilha. Rente à água o que se vê o tempo todo é o muro alto, branco e rosado, que cinta toda essa extensão de terra. Acima dele recortam-se, na luminosidade vária da Laguna, o campanário gótico de cúpula azinhavrada e as ampolas escuras dos ciprestes. A falácia patética destes últimos é apropriada ao lugar.

Coincidência: duas semanas antes, debaixo de absoluta reserva, haviam-me referido que o Corpo de Baile do Teatro la Fenice afinal conseguira realizar uma aspiração muito antiga: homenagear o criador dos “Bailes Russes”, dançando diante do túmulo dele. Tinha sido vencida a compreensível hesitação das autoridades municipais. Debaixo do mais absoluto sigilo, transferiram-se em surdina, a “horas mortas”, bailarinos, pequena orquestra, técnicos de cena, iluminadores, para aquele setor isolado do cemitério, que aliás dá as costas a Veneza e a Murano. Ali, diretamente sobre a água que gorgoreja no quebramar, a muralha abre um dos seus diversos pórticos decorativos. São poucos passos até o esbelto monumento funerário de Diaguilev - pilar, lanterna, oratório vertical, granito rosa sem polimento diante do muro. Em meio a viva comoção realizou-se a cerimônia secreta. Liturgia profana, de todo coerente com o espírito cenográfico e o gosto espetacular que, sem prejuízo da ironia rascante dos venezianos, constitui uma das características da Serenissima, grande teatro de mágica. Em perfeita consonância, aliás, com a sentimentalidade decadentista de Serguêi. Guloso de pompa e cerimonial, para ele a intensidade fugaz do espetáculo (apenas um outro nome do prazer) constituía a pulção por excelência.

O profundo reconhecimento de Stravinski por Diaguilev foi expresso com nitidez nos testemunhos escritos que deixou - tanto em “Crônicas da Minha Vida” quanto nas cintilantes confidências recolhidas por Robert Craft, banhadas de espíri-

(*) Este artigo foi originalmente publicado no jornal **Folha de S. Paulo** em 16 de junho de 1982.

to crítico e até sarcasmo. As se associar, na sua mesma morte, à memória do grande animador, o velho Igor "não apenas homenageava o grupo que a si mesmo autodenominara "os Pickwickianos da Perspectiva Niesvski" mas reforçava a sua filiação direta ao círculo peterburguês do "Mundo da Arte" - Aleksandr Benois, Dmitri Filosofof, Wálter Nuvel, Mikhail Vrubel, Lev Rosemberg ('Léon Bakst') -, cujo itinerário ideológico Camilla Grey reconstitui com brilho no seu belo estudo sobre a arte russa de 1863 e 1922. Círculo cuja atmosfera complexamente estetizante permitira a irrupção em 1909 dos "Ballets Russes", pelas suas mesmas contradições momento decisivo da arte nova ocidental.

Veneza recebeu como filho pródigo esse outro neto de Bizâncio. Fazia muito que ele, antes mesmo de celebrar São Marcos no "Canticum Sacrum", assumira a consciência da raiz comum. As exéquias solenes tiveram lugar no vertiginoso espaço gótico de San Zanipolo, "chiesa famosissima", nesse mausoléu de 20 doges armou-se alto catafalco recoberto de folhagem viva. Durante o culto ecumênico ortodoxo-católico, oficiado pelo arquiandrita de San Giorgio dei Greci, os corpos estáveis de La Fenice executaram a "Missa", de 1947, para coro misto com duplo quinteto de sopros; alguns dos executantes seriam ainda os mesmos da estréia de "The Rakes Progress" em 1951. Todo o mundo intelectual da cidade, presente. Estou vendo Ezra Pound, uma pelerine jogada nos ombros, esperando desde cedo a chegada dos despojos. Minha amiga Nicoletta Tonini fixou-o nessa postura, ao lado da mulher, numa foto belíssima que conservo. Por fim o soturno cortejo rumo a San Michiel, as gôndolas encarreiradas numa fila única, primeiro Rio dei Mendicant fora, depois laguna aberta, até a igreja de pedra alva lá longe. A capitânia, onde seguia só o esquife dentro do esquife, arrastava principescamente pela água uma cauda negra franjada de ouro. Esse pano molhado de sal ficou valendo para mim como o coerente pano de boca que descia sobre fecundo mundo da arte stravinskiano.